

PARODIA COMEDIA PORTUGUEZA

N.º 82 — LISBOA, 4 DE AGOSTO

2.º ANNO
1904



Publica-se às quintas-feiras

Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 32 numeros. 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros. \$500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio. \$100 rs. | Estrangeiro, anno, 32 numeros. . . 1\$800 rs.

NOTA — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data ; tem porem de comecar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CÂNDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistico

Rua do Almada, 32 e 34

CYTHERA

O novo regulamento do sr. governador civil



— Espere que ainda não é meia noite.

Um problema ardente

Le monde marche! O *Diario de Noticias* levanta o problema do casamento.

O casamento—diz conceituosamente o nosso presado confrade no jornalismo e na philosophia—é uma loteria onde os homens jogam a sua liberdade e as mulheres a sua felicidade.

Justo.

O casamento é uma loteria em que, como em todas as loterias, a sorte grande sae... aos outros.

O casamento, como a loteria, é uma superstição.

No entanto, d'estas duas superstições,—a loteria e o casamento, o casamento é uma superstição maior, porque se a felicidade pela loteria está nas mãos do acaso, a felicidade pelo casamento nem no acaso está. O marido espera-a da mulher, a mulher espera-a do marido, mas nenhum d'elles geralmente a traz. Sáem ambos brancos. Alguma coisa porém, saiu: ao marido saiu a mulher, á mulher o marido e então o casamento não é uma loteria—é uma ratoeira. Onde parecia haver felicidade, havia apenas—tucinho.

Porque é então que o casamento mantem inalteravelmente os seus creditos?

Pela mesma razão porque a loteria os mantem—O casamento pela isca da felicidade, a loteria pela isca da sorte grande.

O casamento, como a loteria, são jogatinas em que tanto o homem como a mulher trazem sempre debaixo d'olho a perspectiva de um grosso lucro com um pequeno empate de capital. O casamento é a felicidade—barata.

O homem pede ao casamento um milhão de coisas fabulosas. Pede-lhe commodidade, doçura, hygiene, repouso, bom somno, boa meza e roupa lavada a tempo e a horas. O seu egoismo não lhe diz que o casamento é um contracto bi-lateral: o homem vae para o casamento como quem vae para um bodo. A sua mocidade deu o que tinha a dar. Passou a idade das paixões. A paixão é um lume muito forte que não convem á vida matrimonial. O matrimonio aquece-se a banho-maria. Entrou no regimen do reumathico e do pigarro matinal. Pede felicidade, mas pede tambem—tratamento. O casamento apparece-lhe com as seducções de um sanatorio—habitós regulares, bons ares e comidas simples.

Casa—e que pede elle á mulher? Tudo. Pede-lhe belleza, graça, virtude, fidelidade, constancia, bondade, paciencia, economia, pericia, bom humor. Pede-lhe que seja formosa, sem ser *coquette*, que seja assidua sem ser pesada, que o ame mas que o não masse, que se vista bem mas que se vista barato, que o alimente bem mas que o alimente em conta, que o espere com resignação, que o acolha com alegria, que não o atormente com ciumes e não lhe peça para ir ao theatro. Além d'isso, pede-lhe que seja rica e que toque piano.

Quer dizer: o homem que busca a felicidade no matrimonio não se habilita a menos de cento e cincoenta contos.

A mulher, por sua vez, o que pede ella ao casamento?

O homem pede ao casamento bem-estar. A mulher pede-lhe, antes de mais nada—poesia. A mulher é romantica e imagina o casamento segundo moldes litterarios. Não se contenta portanto com um marido: pede-lhe um personagem de romance. Ama? Não o sabe. O casamento lh'o dirá, porque o casamento ha de, além de tudo, decifrar o enyigma da sua personalidade. Ella tudo espera do casamento, porque se os desejos do homem são concretos, os seus são abstractos. O casamento vae trazer-lhe tudo: o que ella quer e o que não quer, o que sabe e o que não sabe. Ao casar, a sua imaginação não tem programma e está preparada para todas as surpresas... agradáveis. N'uma palavra, a mulher pede ao casamento—ideal e ideal é o que ella não imagina. Ora, o que não imagina uma mulher é muito mais fabuloso do que o que ella pôde imaginar.

Casa—e o que pede ella ao marido? Equamente tudo.

Pede-lhe que a ame com punctualidade e bravura, e que lh'o repita sem cansaço pela sua bocca, pelo menos uma vez cada dia, porque o que verdadeiramente persuade as mulheres da gloria de ser amadas não é que lh'o provem, mas que lh'o digam. Pede-lhe generosidade e largueza. O marido avaro, o marido resmungão, o marido chicaneiro é o mau destino. O ideal da mulher é o marido mãos-rotas, o marido que paga—e não bufa. Pede-lhe que seja empreendedor, batalhador, trabalhador, fura-vidas. Ao mesmo tempo pede-lhe que seja methodico, regular, caseirão e gata-borradeira.—O ideal da mulher é um marido que recolha a horas. Pede-lhe bom humor, bom genio, conformidade, boa-bocca. Pede-lhe mocidade, pede-lhe fidelidade, pede-lhe viagens, pede-lhe aguas mineraes, pede-lhe banhos do mar. Pede-lhe—a lua.

A felicidade, já se vê, não vem, porque nem um nem outro a levam.

consigo. O marido pede, a mulher pede. Nenhum dá. Cada um suppõe ser a felicidade do outro e nenhum o é, porque cada um espera receber e nenhum procura dar.

Assim o casamento é um terrivel equivoco, porque pretence ao numero d'aquelles que não tem remedio. Perder na loteria é uma desillusão. Perder no casamento é um desastre.

O casamento continua a ser no entanto uma das mais predilectas superstições do homem e—da mulher. A razão está em que o homem, assim como a mulher, são uma fonte perenne de illusão. Cada um se imagina no casamento, como na loteria, incessantemente destinado ao privilegio de uma felicidade que os outros não tiveram, e cada um infatigavelmente se habilita a conquistá-la, embora com o risco de a perder para sempre.

Pobres homens e pobres mulheres!

A base da felicidade não é o interesse. Para obter a felicidade é preciso começar por a dar. A felicidade não se compra com pouco dinheiro, como se compra a sorte grande, e por isso ella atraição a loteria do matrimonio. Ao contrario, para obter ás vezes um capital bem pequeno é necessario arruinar o coração.

JOÃO RIMANSO.



Elogio ao rapé

E' prazer do homem sério o bom tabaco, Petisco do nariz dos padres velhos, Animação que vem dar tom ao *caco* Dos letrados que vendem bons conselhos; E' o doce elixir com que eu ataco Minhas maguas, mais duras que chavelhos, E é, finalmente, uma pitada teza A fonte da poesia portugueza.

O poeta que quer brilhar nos versos A caixa tem ao lado sempre prompta, E, para pensamentos ter diversos, Funga pitadas sem olhar a conta. Já pingos no papel cáem dispersos... E o seu estro—ás espheras se remonta, Porque está nos famosos esturrinhos A vassoura que enxota os macaquinhos.

O juiz, quando lavra uma sentença, Deve tomar pitadas sem preguica Para que ninguem possa achar d'iff'rença No fiel da balança da justiça; Para que a força dos empenhos vença, E não lhe entre o caruncho da cubica!... Para que, finalmente, seja recto Como um barrote que sustenta o tecto.

Resposta d'um fumista

Vil prazer na pitada, amigo, logras, Excommungo o teu vicio do rapé, Porque o primor dos versos tu malogra Quando puxas a musa para a ré: O fungar é prazer de velhas sogras Que fazem dos narizes chaminé... E já hoje uma dama agrada ao môço Quando sabe fumar charuto grosso.

BONIFACIO.

O DIA E A NOITE

O sr. governador civil de Lisboa está animado de um verdadeiro espirito de reforma.

Assim é que, zeloso da moral das ruas, sua ex.^a acaba de determinar que os soldados do batalhão de Cythera—para que assim o digamos—não possam entregar-se ás suas habituaes manobras senão da meia-noite á madrugada, hora a que sua ex.^a suppõe que os habitantes estejam todos recolhidos.

E' justamente o contrario do que se faz em toda a parte. Em toda a parte se legisla para a noite, e a noite é considerada inviolavel por ser a hora commum do repouso. Faz-se fechar os restaurantes, para que a sua luz e o seu ruido não perturbem a tranquillidade geral. Prohibe-se os ajuntamentos e os tumultos. Um piano que se demore a tocar uma valsa lenta é mandado calar. Um noctambulo, simplesmente trauteando a uma esquina a serenata do Fausto é metido na cadeia. A noite não nos pertence, como nos pertence o dia, que podemos dividir e empregar á nossa vontade. A noite é de todos e por ser de todos é um bem collectivo sobre que velam instituições, leis, auctoridade, policia. A noite é o somno, a noite é o silencio, a noite é a paz. A noite é a suspensão de todos os negocios. A noite é a suspensão de todos os conflictos. A noite é um ar-mistício.

O que faz o sr. governador civil? Subverte todas estas noções e faz da noite—dia.

Mas salva a Moral—dirá elle.

Não salva coisa alguma.

Em primeiro lugar, esconder um mal não é debellal-o.

Depois, tem o sr. governador civil a certeza de que relegando-o para a noite o esconde melhor?

Ao contrario, põe-n'o muito mais á vista.

Alguns olhos dardejando no meio da multidão sob a larga fachada de alguns chapéus espantosos podem talvez ser um rapido e passageiro escandalo social, posto a sociedade não tenha o direito de se escandalisar com factos que promove; mas um gyneceo é um escandalo maior. Ora, o novo regulamento do sr. governador civil faz de Lisboa um gyneceo, que abre é certo á meia-noite, mas que nem por isso dá menos nas vistas, porque o escandalo não consiste em se ver o facto, mas em se saber que elle existe.

O sr. governador civil—eis afinal o que foi—encontrou-se em presença de um problema social sobre todos difficil e imaginou resolvel-o como certas *menagères* resolvem o problema da limpeza—atirando-o para um canto.

A noite, no ponto de vista em que sua ex.^a está, é um barril de lixo.

Quanto ao problema, reduz-se a bem pouco.

O problema da prostituição resolve-se muito simplesmente destruindo a palavra—*prostituição*. Destruída a palavra, está destruido o facto, porque o que torna a prostituição immoral não é o facto d'ella existir, mas o facto de ser reconhecida. O que é repugnante não é o acto de liberdade em virtude do qual a mulher, segundo a expressão corrente, se prostitue; é a intervenção do Estado na sua prostituição.

Ora, o Estado não intervem apenas. Faz mais: commandita. Regularisa, regulamenta, torna facil, torna pratico, torna legal, até ao ponto de que—póde dizer-se— a prostituição não é uma idéa da mulher: é uma idéa do Estado. Finalmente, tendo-a commanditado, o Estado torna-se solidario com os seus interesses e d'esse commercio abominavel tira receitas e lucros: tributa-o, tarifa-o, arranca-lhe sob pretextos de legalidade e ordem, uma parte dos seus tristes ganhos. E' peor que Alphonse, porque Alphonse apenas invoca o amor. O Estado invoca a lei.

Supprima-se porém, a palavra prostituição e com ella todo o seu hediondo apparato administrativo. Supprimam-se as leis e os regulamentos, as licenças e as coações, as autorisações e as prohibições. Supprima-se o espectaculo e desaparece o facto. O que fica? Alguns domicilios invioláveis.

O Estado não deve consentir, como não deve permittir.

Deve ignorar.

Ignorar um facto é tirar-lhe toda a razão de existencia. Um facto que se ignora não pode mostrar-se e é forçosamente clandestino, se quer existir.

Aquillo a que nós chamamos a Moral, isto é, a apparencia, salva-se. Fica ao abrigo a dignidade do Estado e poupa-se á rua o escandalo de um mal reconhecido.



A pequena do broche

Afinal não é verdade que a pequena que achou no jardim da Estrella o broche da senhora D. Maria Pia tenha almoçado na Ajuda, como não é verdade que a mesma senhora lhe tenha mandado mostrar o palacio, como tampouco é verdade que tenha mostrado desejos de encarregar-se da sua educação.

Sabidas as contas, nem mesmo a pequena encontrou o broche, nem sua majestade o perdeu.

PUEBLOS HERMANOS

Dois escriptores hespanhoes se encontram entre nós e—são favas contadas: a Hespanha vae mais uma vez saber que possuímos um navio de guerra a que demos o nome de *Terror dos Mares* e bem assim que contamos pelos pés os cavallos dos nossos esquadões de cavallaria.

D'estas duas noções se alimenta a Hespanha a nosso respeito, ha bons dois seculos, e não ha maneira de a dissuadir: Portugal é, para a Hespanha, o paiz por excellencia da hyperbole.

Em vão os iberistas como Pi y Margall, Rafael Labra, Fernando de los Rios, Sinibaldo Mas, Fernando Garrido procuraram convencer-a a conhecer-nos melhor. Em vão lhe falaram das nossas luctas pela formação da nacionalidade, das nossas descobertas maritimas, do nosso renascimento litterario. Em vão! A Hespanha conhecia o *Terror dos Mares*, a Hespanha conhecia desde o berço a anedocta dos pés dos nossos cavallos, e era quanto lhe bastava.

Da nossa historia a Hespanha conhece 1640. Verdadeiramente para os hespanhoes é em 1640 que a historia portugueza começa. O resto é mythologia, Camões um Homero hypothetico e a descoberta das Indias uma especie de expedição dos argonautas. 1640 é ao mesmo tempo a primeira pagina da nossa historia e a nossa primeira fanfarronada. A partir d'então, não é Portugal que se restaura: é a Gasconha que se refaz. Não somos um novo povo, somos um novo almanach.

Para este almanach todas as temporadas de banhos dão a sua contribuição.



Costumes Japoneses

Occupando-se do Japão, que a guerra tornou infinitamente interessante, um dos nossos jornaes, deplora a sorte da mulher japoneza, porque—diz—a educação que ella recebe priva-a de todas as seducções de caracter intellectual, o que faz com que os maridos as aborreçam e lhes sejam systematicamente infieis.

O que este facto prova é que tudo no Japão é copiado da Europa—até a mulher e... até os maridos.

Os japoneses tem os ultimos typos de espingardas e os ultimos modelos de felicidade conjugal.

As suas mulheres não tem seducções intellectuaes.

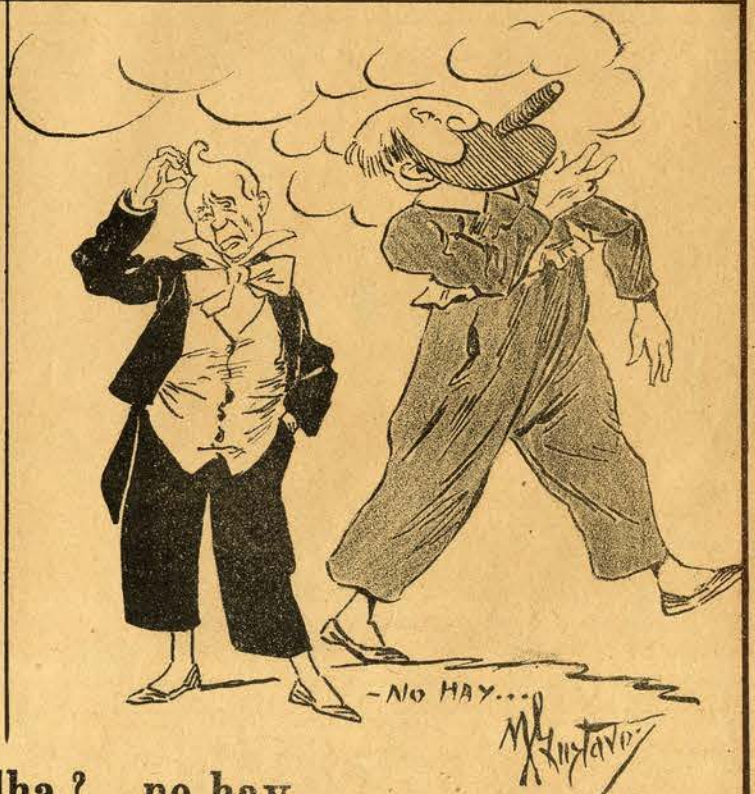
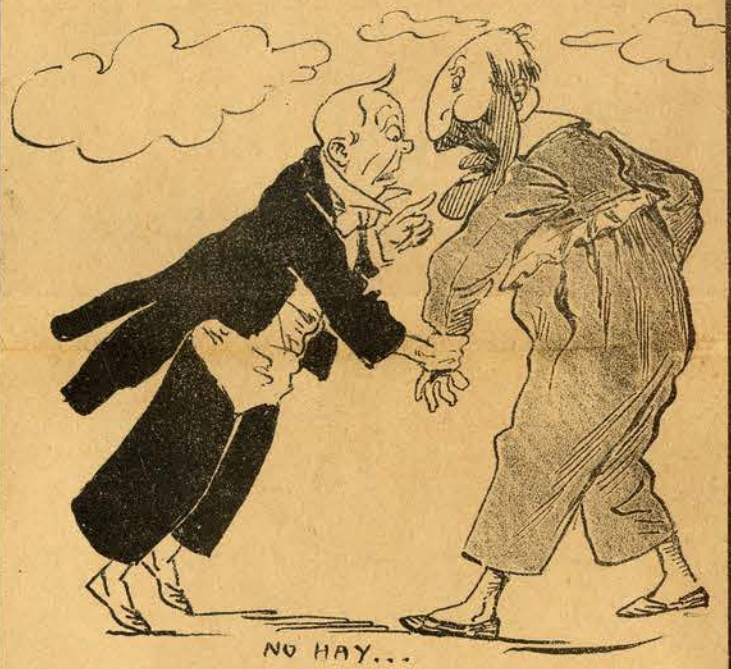
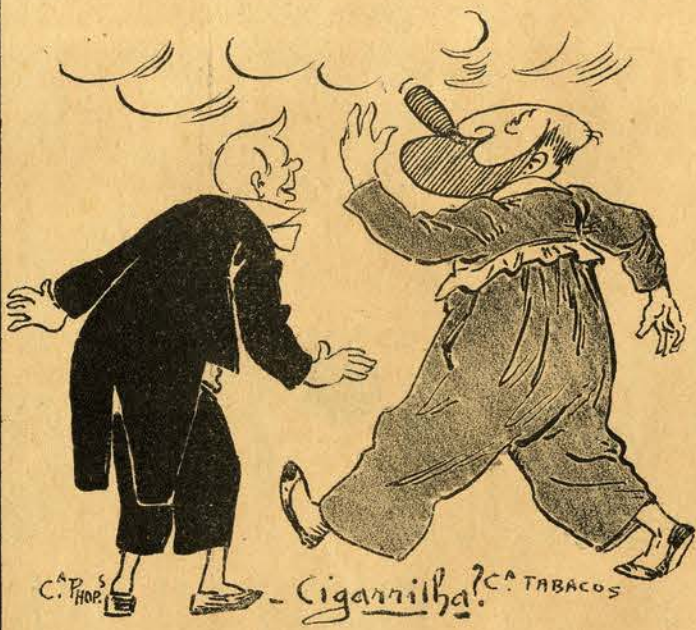
Tal qual como as nossas.

Os seus maridos são-lhe systematicamente infieis.

Tal qual como os nossos.

Este Japão não é uma civilização:—é um phonographo.

AINDA OS TABACOS E OS PHOSPHOROS



— Cigarrilha?... no hay

Debaixo dos pés...

O outro dia, no Bombarral, deu-se o seguinte incidente, assim referido pelo correspondente do *Diário de Notícias* n'aquella localidade:

«—Pelas 10 horas da manhã passou aqui sua magestade el rei em automovel.

Estavamos proximo de nossa propriedade, Torre Bella, quando vimos o automovel que conduzia sua magestade.

Sua magestade fez abrandar a marcha do automovel, e fez-nos signal para que nos aproximássemos.

«Aproximamo-nos, mas a esse tempo ainda não tinhamos reconhecido sua magestade, e como no ponto em que estavamos se cruzassem duas estradas, sua magestade perguntou-nos qual a estrada das Caldas.

Indicámos-lh'a por estas palavras:

—Saberá vossa excellencia... e, quando n'isto reconhecemos sua magestade, exclamamos:

—Ahi é sua magestade el-rei! Sua magestade riu-se e mandou dar andamento ao automovel.

Final, el-rei não ficou sabendo qual era a estrada das Caldas; mas em compensação o homem do Bombarral ficou sabendo quem era el-rei.

Criminologia

«O crime—escreve o *Dia*—renasce com o verão. Cada estação florida que surge das nevoas hibernaes, traz, com a fecundidade maternal da terra, um novo crime.»

Em summa, o crime vem com a fructa.

Morangos—infanticidios.

Alperches—parricidios.

Com a temporada dos melões, vem os envenenamentos.

Dividas d'honra

Os jornaes noticiam que em audiencia do jury, foi imposta a pena de dois annos de prisão maior cellular, com a alternativa de tres annos de degredo, a um individuo—escreve um d'elles—«que contrahira uma divida d'honra com uma pobre rapariga, e se recusava a pagal-a.»

As raparigas são incorrigiveis:—os homens sempre a caloteal-as; ellas sempre a abrir-lhes credito.

Depois, é o que se vê: — intransigencia.

A nosso vêr, a justiça é dura: no caso de não ser possível um reembolso total, devia ser permitido pagar estas dividas—ás prestações.

Crimes «em voga»

A proposito da criminologia feminina, escreve um jornal:

«Em Portugal, o crime mais em voga entre mulheres é o infanticidio.»

O crime de infanticidio é o que está mais «em voga», entre as inulheres, porque é aquelle que os homens as habilitam mais frequentemente a praticar.

As victimas do infanticidio, em geral não tem pae. São filhos das hervas, com muito menos protecções do que o do sr. Malheiro Dias.

Um bom conselho

Exclama um philosopho de fóra de portas (é de Ourique) em um jornal diario:

—«Chegamos ás vezes, n'este meio, a ter pena de não sermoslouvaminheiros, porque a unica fórma de viver bem é fazer parte da confraria dos «nossos amigos.» distribuido louvores e elogios a rôdo.

Ainda agora o sabe! — Pois está visto! Quem não louvar não faz carreira. Reprovar é condemnar-se á morte. Calar rancorosamente é condemnar-se ao olvido.

Louve, não seja tolo!

Que lhe custa?

O optimismo é barato e traz-se sempre connosco como uma pastilha na bocca.

Casinos e Lyceus

As *Novidades* contam que este anno, no Lyceu de Lisboa, se jogava, e referem o caso de um alumno, que só á sua parte, perdeu quarenta mil réis.

Pedem providencias.

E' simples.—Passar os casinos para os lyceus e a instrucção secundaria para os casinos.

A patria honrae..

A maioria geral da armada vae pedir ao ministro da marinha que se augmente o quadro dos 1.^{os} tenentes com mais 20 officiaes, por não haver numero de officiaes em relação ao numero dos navios de guerra.

No nosso paiz, é assim: quando ha officiaes não ha navios, e quando ha navios não ha officiaes.

GUITARRA DA PARODIA

MOTE

A vida dá-nos amor,
Dá nos luz e dá-nos treva;
A vida tudo nos dá,
A vida tudo nos leva.

GLOSA

Homem que é meditando
Com ares de sabichão,
Diz muitas vezes que não
Vale a pena vir ao mundo:
Que n'este cahos profundo
Acha couto a negra dôr;
Que a vida é cheia de horror...
Mas quem julga pensar bem
Não se lembra que tambem
A vida dá-nos amor.

N'este mundo, a todos largo,
Ao qual a sorte nos trouxe,
Ninguem conhecêra o doce
Quando faltasse o amargo!...
Se a desgraça causa embargo,
Surge a ventura que enleva;
E é justo que qualquer deva
Pensar d'est'arte, sisudo:
Natureza, que dá tudo,
Dá-nos luz e dá-nos treva.

No rol dos loucos resvala,
É um cobarde na vida
Quem por desgostos da vida
Mette no ouvido uma bala!...
Se feroz dôr nos abala,
Deus lá no céu inda está;
Affronte-se a sorte má,
Que esperança, alento preciso,
Um momento para o riso,
A vida tudo nos dá!

Se a brolhos a vida tem,
Sabemos que a vida é curta,
E quem a maguas se furta
É quem a aproveita bem:
Não entesoure ninguem,
Tire o dinheiro da treva,
O seu nome honrado escreva
No rol de quem vale ao pobre,
Que, menos laurel tão nobre,
A vida tudo nos leva.

VENANACIO.

A justiça e os ladrões

Os ladrões gosam de um tal favor nos nossos tribunaes que, quando é preciso condemnal-os, procuram-lhes outras culpas.

Tal o caso de um creado de servir que ha dias foi julgado na Boa-Hora por ter roubado a seu patrão varias peças de roupa, joias e dinheiro, tudo no valor de cento e tantos mil réis.

Este individuo, que já tinha tres prisões por furto, foi absolvido e foi preciso para o condemnar, julgal o, não pelo roubo que praticou, mas por... descaminho de direitos.

Sem isso, o homem vinha para a rua.

Com tanta impunidade, ou antes com tanta protecção, o que nos surprehende é que haja tão poucos roubos.

Somos positivamente um paiz de homens de bem!



Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

RESTAURANT PARIS
JOSÉ FERNANDES

SERVEM-SE: Jantares de mesa redonda a 600 réis
Serviço de lista a toda a hora
Pratos especiais para oelas Gabinetes de 1.º ordem
65, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 67
2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4— LISBOA



Callista pedicuro
JERONIMO FERNANDES
Empregado da casa Ornellas R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)
EXTRACÇÃO de callos e desencruvamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.
Pede-se ao publico que visite este consulto lo para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.
Das 9 ás 5 da tarde

VINHO GAZEIRAS

Garrafa tinto..... 100
» branco..... 120
» Tagarro branco..... 100
São os melhores vinhos de meza, principalmente na estação calmosa.

DEPOSITO GERAL
José Affonso Vianna & C.ª
Praça de Luiz de Camões, 33 e 34
ESQUINA DA RUA DO NORTE

VIERLING & C.ª, LIMITADA

Cambio e papéis de credito
Praça do Municipio, 1, 2 e 3—Rua do Arsenal, 44 e 46
LISBOA
Endereço telegraphico Numero telefonico
STERLING 611

SALA MOZART
MONTE JONSEA
PIANOS
ORGÃOS
Instrumentos musicos
RUA IVENS 52, 54
LISBOA

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes
VERÃO DE 1904

Serviço de banhos e aguas thermais. Viagens de ida e volta por preços reduzidos. Bilhetes validos por 2 mezes com facultade de ampliação de prazo.
Thermas: Guços, Caldas da Rainha e Unhas da Serra (Tortozendo e Covilhã). Praias: do Furadouro, Espinho, Granja, Porto, Foz do Douro, Mattosinhos Leça da Palmeira, Nazareth, S. Martinho e Figueira da Foz.
Desde 1 de junho e até 15 de Outubro de 1904, esta Companhia terá a venda bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, validos por dois mezes, das suas principais estações para as que servem as localidades acima designadas.
Aos portadores d'estes bilhetes é concedida a facultade de get-nção em transito, ampliação de prazo, etc.
Para mais esclarecimentos ver os cartazes affixados nos sitios do costume.
Lisboa, 15 de junho de 1904.
O D. G. da Companhia Chapy.

CASA PORTUGUEZA

Papelaria e typographia
José Nunes dos Santos
Successor de MANUEL DA SILVA
N.º telephonic 220—Endereço telegraphico Papelytypo
PAPELARIA **TYPOGRAPHIA**
Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos preciosos nas escolas.
Trabalhos typographicos em todos os generos, impressões a cores, ouro, prata e sobre setim.
Papelaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gaveas, 69 LISBOA



ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopédicos
DE MANOEL MARTINS
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
(Antiga CALÇADA DO CALDAS, PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA) LISBOA

Ourivesaria e Relojoaria
com officina annexa de fabrico e consertos
FLORINDO
JOIAS COM brilhantes
PREÇOS Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

BANHOS

DAS famadas aguas do Poço do Borratem, conhecidas desde 1522 com grande exito nas molestias de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas de 10 banhos simples ou douche com 20% de desconto e de vapor com 40%. Abre este antigo estabelecimento as 5 horas da manhã e fecha ás 6 da tarde.
4, Poço de Borratem, 1.º



Casa Africana—R. Augusta, 166
E' o estabelecimento de fazendas e modas que vende mais barata em Lisboa.

O Mergulhão authentico

Não basta a uma menina ser formosa Para em bailes do tom fazer effeito; E' preciso que brilhe no seu peito Uma joia de gosto, primorosa.
A Allemanha, em tal caso é prestimosa, Tambem a Italia á fama tem direito; Qualquer bijou francez sempre é perfeito, Obra chinesa sempre caprichosa.
A dizer a verdade estou disposto; Vejo n'esses artistas distincção Que me apraz confessar de alegre rosto.
Mas de nós arredados todos são... E, para alcançar joias de bom gosto, Temos cá, a S. Paulo, o Mergulhão
Ourivesaria e relojoaria Mergulhão
162, R. de S. Paulo, 162-B

GOARMON & C.ª
Mosaicos Hydraulicos e Ceramicos. Azulejos em Fiança e Cartão. Tijollos em Cimento. Telha e Escama vidrada. Quadros e ornato para Chalets.
21—T. do Corpo Santo—Lisboa
Catalogos sob requisição

MARCAS PARA COTILLONS
Grande sortimento—Ultimas novidades—Preços muito baratos—Afonso de Pinho & Coelho da Silva—Casa de Novidades—145, Rua do Ouro, 145.

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel
Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

JOSE CLEMENTE
FATOS em Paletot de 4.500 a 25.000
FATOS em Frak de 12.000 a 32.000
FATOS em Sobrecasaca de 16.000 a 35.000
FATOS em Casaca de 20.000 a 36.000
na Casa das thesouras
51—Rua da Escola Polytechnica—55

Taboletas
Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio S. Paulo 41, 43

A ESTATUA DO MARQUEZ



A' espera...